



Vivências Com As Sementes Crioulas No Baixo Sul da Bahia

Experiences with Creole Seeds in the Southern Lowlands of Bahia

Olimpia Lima Silva Filha¹; Lidiane Almeida Ramos²; Tércio Jorge Nascimento Paixão³
Jefferson D. Brandão (Taata Sobodê)⁴

¹IFBAIANO – Campus Valença / Cursos em Agroecologia; Rua Glicério Tavares, S/N – Bairro Bate Quente (Antiga EMARC), CEP 45.400-000, Valença-BA; e e-mail – olimpia.olsf@gmail.com; ²Tecnóloga em Agroecologia/COMSEA (Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional) -Valença/Caxuté; ³Professor da Rede Estadual/COMSEA-Valença; ⁴Caxuté/TEIA DOS POVOS.

Resumo

Neste relato de experiência, objetiva-se narrar as vivências que se constrói num espaço coletivo com a realização da Feira de Troca e Experiências de Sementes Crioulas – FETESC, do Baixo Sul da Bahia, no IFBAIANO – Campus Valença, ao longo de três versões, desde 2017, crescendo em relevância, participação e abrangência. Buscando uma maior visibilidade do trabalho dos protagonistas da resistência, uso e reprodução das sementes crioulas no interior da Bahia, ajudando a conservar o patrimônio genético vegetal e animal e o patrimônio histórico-cultural e sagrado dos povos desse território. Ainda com tímido empoderamento dos movimentos sociais dentro de uma Instituição Federal de Ensino, mas com raízes profundas na realização de um evento que expõe as produções de sementes oriundas de nossa gente, expandindo o conceito de semente de tudo que se lança à terra para germinar, para tudo o que se reproduz, sementes vegetais, sementes animais, sementes históricas-culturais, sementes ancestrais.

Palavras-chave: Agrobiodiversidade; camponeses; conservação; fortalecimento; patrimônio genético.

Abstract

In this experience report, it is aimed to narrate the experiences that are built in a collective space with the Exchange Fair and Creole Seed Experiences - FETESC, in the Lower South of Bahia, at IFBAIANO - Campus Valença, over three versions, since 2017, growing in relevance, participation and scope. Seeking greater visibility of the work of the protagonists of resistance, use and reproduction of Creole seeds in the interior of Bahia, helping to conserve the plant and animal genetic heritage and the historical-cultural and sacred heritage of the peoples of that territory. Still with timid empowerment of social movements within a Federal Teaching Institution, but with deep roots in the realization of an event that exposes the seed production from our people, expanding the concept of seed from everything



that is launched to the land to germinate, to everything that is reproduced, vegetable seeds, animal seeds, historical-cultural seeds, ancestral seeds.

Keywords: Agrobiodiversity; peasants; conservation; fortification; genetic heritage.

Introdução

Nasce em 2017 uma nova experiência para o Território do Baixo Sul da Bahia, com estímulo participativo do IFBAIANO – Campus Valença, quando propõe o encerramento de seu primeiro curso de Formação Inicial e Continuada - FIC em Horticultor Orgânico, com uma tímida exposição de sementes crioulas, produzidas pelos discentes do curso, com a participação especial de muitos representantes da comunidade, realizada no próprio Campus, que conseguiu reunir alguns movimentos sociais protagonizando junto com os discentes o evento, que ficou intitulado I Feira de Troca e Experiências de Sementes Crioulas, do Baixo Sul da Bahia, no IFBAIANO – Campus Valença, ou I FETESC. No intuito de iniciar um evento que ficasse marcado e sendo incorporado ao calendário de projetos e eventos realizados com o apoio do IFBaiano – Campus Valença, a proposta foi aceita e, no ano seguinte, em 2018, realizou-se a segunda versão da feira: II FETESC, tendo como protagonistas e realizadores os movimentos sociais e Povos Tradicionais envolvidos. Da mesma maneira, com êxito crescente, realizou-se o último evento em 2019, a III FETESC. Seguimos nessa experiência, buscando construir com os representantes dos movimentos sociais e comunidades tradicionais a IV versão desse evento, excepcionalmente, de maneira virtual, em função da atual pandemia mundial do novo corona vírus, COVID 19.

Mendonça (s/d) discorre em seu trabalho sobre práticas agroecológicas em comunidades camponesas e quilombolas que, as sementes são obras da natureza e resultado das experiências e saberes acumulados por populações camponesas e indígenas. Elas compõem parte essencial da vida e das condições de reprodução da existência e da cultura dos povos, desde a descoberta da agricultura. Assim, as sementes são uma criação coletiva dos povos que refletem a história, especialmente das mulheres que foram as primeiras a cultivá-las. Ainda, foram elas que garantiram sua permanência ao longo da história humana e se tornaram suas principais guardiãs.

Dentro dessa ótica e importância das sementes crioulas como obras da natureza, resultado de experiências e saberes acumulados, compondo reprodução da existência e da cultura, como criação coletiva dos povos, tendo as mulheres como garantia da permanência ao longo da história humana, tornando-se as principais guardiãs das mesmas, ampliando da visão vegetal parar o todo, incluindo semente animal, semente histórico-cultural e semente ancestral, que se pensou num trabalho que reunisse os protagonistas e guardiães das sementes crioulas do Baixo Sul Baiano e algumas adjacências em prol de seu conhecimento, empoderamento e união.

Ainda sob a visão de Mendonça (s/d), que afirma ser as sementes muito mais que um recurso produtivo das populações camponesas. Nelas se incorporam valores, afetos, visões, mitos, e formas de vida que as ligam ao âmbito do sagrado. Nesse sentido as sementes jamais deverão



ser apropriadas por quem quer que seja, devendo ter um caráter de patrimônio coletivo dos povos a serviço da humanidade, nas dimensões materiais e simbólicas. Elas se constituem, portanto, como meio de sustento e soberania das populações, garantindo a construção histórica e cultural, especialmente das Comunidades Camponesas. A multiplicidade e a existência de sementes permitem assegurar a abundância e a diversidade alimentar em cada localidade, servindo de base para uma alimentação adequada e saudável, permitindo o desenvolvimento das formas culinárias preservadas e desejadas na reprodução cultural da existência humana. Portanto, as sementes, os saberes-fazer e o acúmulo de conhecimentos associados a elas são partes fundamentais e insubstituíveis da soberania alimentar daqueles que as cultivam.

Em todo o Brasil os camponeses se unem em prol da resistência e proteção das sementes crioulas, como se mostrará alguns exemplos a seguir. Essas sementes vêm sendo fortalecidas pelas famílias agricultoras ao longo dos tempos através da sua conservação, resgatando, selecionando e valorizando a agrobiodiversidade, fortalecendo os verdadeiros guardiões dos saberes tradicionais, garantindo sua existência e reprodução.

Na região do Semiárido de Alagoas, conforme Lima e Santos (2018), os camponeses estabelecem uma relação comunitária, baseada na preservação e troca de sementes crioulas, através dos Bancos Comunitários de Sementes. Essa iniciativa busca suplantar o avanço dos cultivos transgênicos e preservar os códigos genéticos e culturais que permeiam o *saber como* camponês. Em meio a uma economia mundializada, formada pela atuação de grandes corporações empresariais, que movem enormes somas de recursos, lobby e toda sorte de expedientes para monopolizar a produção e a reprodução social da vida, o papel desempenhado pelos camponeses é de suma relevância, materializando uma resistência territorial, alicerçada na autonomia de cultivo, na segurança alimentar e na agrobiodiversidade.

A partir de 2009 o Coletivo Regional das Organizações da Agricultura Familiar do Cariri, Curimataú e Seridó Paraibano desencadeou naquela região um processo de identificação e mapeamento dos guardiões da agrobiodiversidade, além de articular e fortalecer as comunidades em torno das Sementes da Paixão, envolvendo genótipos de sementes crioulas e raças de animais nativas, sendo este trabalho contínuo na região, no intuito de animar as ações de convivência com o semiárido e da agricultura familiar com base agroecológica (ARAÚJO et al., 2013).

Dalmora et al. (2018) trabalharam para identificar agricultores familiares, guardiões de sementes, caracterizando a agrobiodiversidade, nos territórios do Alto Sertão e Baixo São Francisco de Sergipe. Nesse trabalho, junto aos guardiões identificados foram realizados cinco intercâmbios, duas feiras de sementes, implementadas duas casas de sementes e dois campos de multiplicação. Estas ações contribuíram para o fortalecimento da identidade camponesa e a ampliação das variedades crioulas, ameaçadas pela simplificação dos agroecossistemas.

Observando alguns trabalhos realizados junto aos camponeses e comunidades tradicionais e num contexto mais amplo, corroboram Lima e Santos (2018) afirmando que, os camponeses



buscam resistir através da luta territorial pela preservação e intercâmbio das sementes crioulas. Nessas sementes estão inscritas as bases da agrobiodiversidade e a própria história das comunidades.

No intuito de proporcionar momentos de aprendizado entre comunidades tradicionais, camponeses, representantes de movimentos sociais, docentes, técnicos, pesquisadores, estudantes e visitantes da feira, esse relato de experiências visa apresentar uma síntese das vivências nas três primeiras versões da FETESC, entre 2017 e 2019.

Metodologia

Levando-se em conta que a agrobiodiversidade confere aos territórios autonomia e segurança alimentar e a necessidade de ampliação da conceituação de sementes crioulas para a vida de quem a produz, entendendo-se que vida envolve tudo que se reproduz à sua volta, pensou-se na FETESC como reunião de troca de experiências dos guardiões que fazem a vida brotar pela terra, pelas mãos, pelos sentimentos, pelo sagrado, pelas entranhas. A partir dessa ideia, no IFBAIANO, Campus Valença, localizado no território de identidade do Baixo Sul da Bahia, ao finalizar o primeiro curso de Formação Inicial e Continuada - FIC Inicial em Horticultor Orgânico, junto com os discentes a coordenação do curso construiu um evento de encerramento idealizando uma feira de sementes crioulas, passo fundamental para se convidar representantes de comunidades locais e tradicionais, movimentos sociais, quilombolas e indígenas, inicialmente à participação da feira, posteriormente a protagonizá-la. Desde 2017 já somam três versões da FETESC, que serão descritas no decorrer deste trabalho.

O território do Baixo Sul localiza especificamente ao Sul da Bahia e é composto administrativamente por 15 municípios: Aratuípe, Cairu, Camamu, Gandu, Ibirapitanga, Igrapiúna, Ituberá, Jaguaripe, Nilo Peçanha, Piraí do Norte, Presidente Tancredo Neves, Taperoá, Teolândia, Valença e Wenceslau Guimarães. São aproximadamente 360.000 mil habitantes, onde um total de 168.000 mil habitantes vivem em áreas rurais, no entanto 10 dos 15 municípios registram número superior de habitantes na zona rural em relação a população urbana (IBGE, 2010). O território conta com uma vasta área rural e uma população camponesa de 46,8% do total de habitantes (BAHIA, 2016), inclusive, em alguns dos municípios citados, o número de residentes em espaços rurais supera o dos espaços urbanos (IBGE *apud* BRANDÃO, 2018). Esses dados demonstram a importância econômica e social da agricultura para os municípios e a população que os compõem. Entretanto, Brandão (2018) destaca que mesmo diante de uma presença significativa de agricultores(as) familiares, assentamentos, comunidades pesqueiras artesanais, quilombolas, aldeias indígenas e terreiros do campo, essas populações rurais encontram-se em situação socioeconômica preocupante, com um IDH abaixo de 0,599 e 80% dessa população camponesa vivendo em situação vulnerável à pobreza (CGMA *apud* BRANDÃO, 2018). Diante de todo esse contexto, iniciativas como a FETESC, são muito mais do que eventos de compartilhamentos de saberes e experiências camponesas, são



momentos para que os camponeses, especificamente do Baixo Sul da Bahia, se expressem e se organizem politicamente para a reivindicação de direitos historicamente negados aos povos do campo, momentos para pensar estratégias de manutenção das práticas ancestrais dessas comunidades tradicionais e a partir disso dar ao nosso povo, mais um instrumento para o fortalecimento da luta camponesa no interior da Bahia.

O Território possui mais de 80 Comunidades Renascentes de Quilombo, mais de 100 Territórios Tradicionais de Pescadoras/es Artesanais, 116 Terreiros de Candomblé (BRANDÃO, 2018). O campo do Baixo Sul da Bahia também possui acampados, assentados, agricultores familiares, extrativistas, rezadeir@s e meeiros. O IBGE 2010 registra quase 500 pessoas autodeclaradas indígenas, no entanto, a historiografia a exemplo de (MOTT, 2010) revela que foram diversos aldeamentos espalhados por vários municípios que compõem atualmente este território, etnias como: Tupiniquim, Tupinambá, Aimoré, Guerém, Payaya, Tapuia, dentre outras. Atualmente, apenas a *Aldeia Nova Vida* é registrada formalmente nos órgãos governamentais e abriga indígenas da etnia Pataxó Hã-Hã-Hã, a relação entre os sujeitos nativos e a natureza exuberante do Baixo Sul segue viva, pois seja no artesanato ou nos conhecimentos da fauna e da flora local, esses saberes e fazeres ancestrais seguem vivos nas práticas culturais e na cosmovisão de diversas comunidades tradicionais do território.

Em 26 de dezembro de 2017 nasce a I Feira de Troca e Experiências de Sementes Crioulas – FETESC, do Baixo Sul da Bahia, no IFBAIANO – Campus Valença, como uma nova experiência para a região do Baixo Sul Baiano, quando a proposição de finalizar um FIC Inicial em Horticultor Orgânico, com uma exposição de sementes crioulas, organizada pelos discentes do curso, com relevantes participações, reunindo nessa primeira exposição importantes movimentos sociais e comunidades tradicionais da região, realizada no próprio Campus, na cidade de Valença.

A manhã desse dia começou reunindo discentes e convidados para uma solenidade de abertura, na qual o professor Sérgio Ricardo proferiu uma palestra sobre Agroecologia. Após a entrega dos certificados aos concluintes, ocorreu a I FETESC, cujo tema foi: **“Experiências com sementes crioulas contribuindo com a manutenção e a preservação de variedades”**. Participaram desse intercâmbio de saberes e sementes, além dos alunos concluintes, Comunidade de Terreiro do Campo Bantu-Indígena Caxuté, Kilombo Tenondê, COOMAFES (Cooperativa de Mulheres da Agricultura Familiar e Economia Solidária), COMSEA (Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional) - Valença, OPS (Organização Parceiros da Sociedade), Teia dos Povos, Assentamento Terra Vista, Coordenação Pedagógica das Escolas Municipais do Subsistema Orobó; CAAF (Central das Associações da Agricultura Familiar); UNISOL (Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários) - Valença; Quilombolas; e Grupo Cultural Arguidá do Território Quilombola do Jequiriçá.

A I FETESC significou um momento de aproximação entre as comunidades tradicionais do Baixo Sul e a comunidade do IF Baiano, culminando numa troca bastante significativa de saberes e de experiências, como se observa nas Fotos 1 e 2.



Foto 1. I FETESC (SILVA FILHA, O. L.; 2017).



Foto 2. I FETESC (SILVA FILHA, O. L.; 2017).

O Curso Horticultor Orgânico foi o primeiro dentro dessa modalidade oferecido pelo Instituto Federal Baiano (Campus Valença), tendo como objetivo capacitar produtores rurais na produção de hortaliças sem uso de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos. Sendo o objetivo principal desse curso a mola propulsora para a FETESC.

Na I FETESC os discentes, também como guardiões das sementes crioulas, faziam suas exposições (Foto 3), junto com as comunidades tradicionais (Foto 4).



Foto 3. Discentes na I FETESC,
(SILVA FILHA, O. L.; 2017).



Foto 4. Comunidades na I FETESC.
(SILVA FILHA, O. L.; 2017).

As práticas realizadas ao longo das três feiras associaram: espaços de partilha de sementes; exposição de mudas; exposição de produtos artesanais; momentos sagrados de rituais, plantio, troca de saberes e experiências de produção e organização social.

Nessa primeira versão, ocorrida em 2017, foi uma tímida, mas fértil semente para o que estava por vir. No intuito de iniciar um evento protagonizado pelos movimentos sociais e comunidades tradicionais, que ficasse marcado e sendo incorporado ao calendário de projetos e eventos realizados com o apoio do IFBaiano – Campus Valença, a proposta foi aceita e, no ano seguinte, em 2018, nos dias 19 e 20 de outubro, realizou-se a segunda versão da feira: II FETESC, do Baixo Sul da Bahia, no IFBAIANO – Campus Valença, agora incorporada e fortalecida pela I



Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) do IFBaiano - Campus Valença, com o tema central: **“Reconhecendo a Biodiversidade do Baixo Sul da Bahia”**.

Na II FETESC, tendo como protagonistas e realizadores as comunidades tradicionais e movimentos sociais: Comunidade de Terreiro do Campo Bantu-Indígena Caxuté; Kilombo Tenondê, Turma do Curso Técnico em Agroindústria da Rede Estadual de Educação de Nilo Peçanha-BA; COOMAFES, COMSEA-Valença, OPS, Teia dos Povos, Assentamento Terra Vista, Coordenação Pedagógica das Escolas Municipais do Subsistema Orobó; CAAF; UNISOL; Quilombolas, Grupo Cultural Arguidá do Território Quilombola do Jequiriçá.

É notória a organização e comprometimento dos realizadores da II FETESC, tanto na partilha de experiências culturais com o Grupo Cultural Arguidá do Território Quilombola do Jequiriçá (Foto 5), na partilha de sementes e exposição de mudas agroecológicas (Foto 6), quanto em momentos de rituais (Foto 7).



Foto 5. Grupo Cultural Arguidá do Território Quilombola do Jequiriçá, II FETESC (SILVA FILHA, O.L.; 2018).



Foto 6. Espaço de partilha de saberes e experiências, II FETESC (SILVA FILHA, O.L.; 2018).

Estimular que tais realizações ocorram com o apoio de instituições de ensino, protagonizadas pelos verdadeiros atores de nossos povos é importante para a manutenção e conservação das culturas locais, das sementes crioulas de nossa gente, respeitando a vida, a ancestralidade, o sagrado, a segurança alimentar e de qualidade, e o fator histórico cultural.



Foto 7. Participação do Terreiro Caxuté na II FETESC, (SILVA FILHA, O.L.; 2018).

Da mesma maneira, com êxito crescente, seguiu-se o último evento realizado durante a II SNCT do IFBaiano - Campus Valença, de 21 a 25 de outubro de 2019, dando lugar a III FETESC no dia 25, também dentro do Campus.

Com a participação ativa das comunidades tradicionais e movimentos sociais, nessa III FETESC, aumentou o número de protagonistas e realizadores, além dos representantes das comunidades tradicionais, como: Comunidade de Terreiro do Campo Bantu-Indígena Caxuté; Kilombo Tenondê; COOMAFES; COMSEA-Valença; OPS; Teia dos Povos; Coordenação Pedagógica das Escolas Municipais do Subsistema Orobó; CAAF; UNISOL; Quilombolas; uniu-se a nós nessa empreitada os representantes dos Associação de Pescadores, Marisqueiras e Quilombolas de Graciosa, Taperoá; da SASOP (Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais); da Aldeia Tukum – Tupinambá T.I Olivença; a 1ª. Turma da Especialização em Meio Ambiente e Agroecologia do IFBAIANO (Campus Valença); representantes da Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Agrárias – UFRB/CFP; a ASCOOB – Costa do Dendê; CAR (Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional) / SDR; e uma Associação de reciclagem de Valença, a AIESOUS.

Durante as reuniões de construção da III FETESC, a logomarca (observa-se na Figura 1) foi criada por Aryelle Almeida em 2019, a partir da contextualização dos líderes de todos os movimentos sociais e comunidades tradicionais que participaram ativamente nessa empreitada, idealizando uma representação da agrobiodiversidade que é agricultura, o bioma natural da região e a diversidade cultural do território.



Figura 1. III FETESC. Arte da logomarca da FETESC (ALMEIDA, A.; 2019).

No dia 25 de outubro de 2019, apesar do cansaço após quatro dias intensivos dedicados à II SNCT do *Campus* Valença, neste último dia, dedicado exclusivamente à III FETESC, encerrou-se a semana em grande estilo, o que pode ser verificado observando as Fotos 8 e 9, marcando a abertura da III FETESC com um ritual coordenado pelo Cacique Ramon, da Aldeia Tukum – Tupinambá T.I Olivença, e pelos representantes presentes do Terreiro do Campo Bantu-Indígena Caxuté, seguido pela simbólica e representativa plantação de uma muda da castanheira centenária, que foi derrubada em Valença, mas que brota sua semente no Campus.



Foto 8. Ritual de abertura da III FETESC (2019).



Foto 9. Plantação da muda da castanheira Centenária (2019).

Ocorreram ao longo de todo o dia atividades em rodízio, através da metodologia com instalações pedagógicas nas rodas de conversa sobre a produção e utilização agroecológica das sementes crioulas. Nas Fotos 10, 11 e 12 retratam alguns momentos de trocas de saberes e experiências com produções agroecológicas, medicinais e ancestrais.



Foto 10. Troca de saberes e experiências na III FETESC (SILVA FILHA, O.L.; 2019).



Foto 11. Troca de saberes medicinais na III FETESC 2019) FILHA (SILVA FILHA, O.L.; 2019).



Foto 12. Troca de saberes na III FETESC (SILVA, 2019)

O Baixo Sul da Bahia é situado no bioma Mata Atlântica, é abundante em rios, cachoeiras e tem um vasto litoral conhecido como Costa do Dendê. Esta biodiversidade lhe confere a existência de 4 Áreas de Preservação Permanentes – APA’s. A agrobiodiversidade é ampla e encontramos a produção de: cacau, cravo da Índia, guaraná, urucum, pimenta do reino, frutíferas diversas, dendê, plantas não convencionais usadas para alimentação, saúde, e coleta de pescados e mariscos (crustáceos, moluscos e peixes), além de sistemas de criação tradicional a exemplo da produção de “galinha da terra”, suínos e asininos, equinos e bovinos para serem



usados principalmente na tração animal. Todas essas experiências podem e devem ser reconhecidas e intercambiadas entre os povos tradicionais.

Nas últimas décadas o Território tem sofrido uma ofensiva de mega-empresendimentos turísticos, hidronegócio e outras estratégias empresariais que buscam a partir do capital, da especulação imobiliária e da grilagem de terras, expulsar comunidades nativas e desmatar áreas de manguezal por exemplo (PORTO, 2019). Em contrapartida, por parte do poder público há uma letargia na demarcação dos territórios tradicionais e a não efetivação de políticas de conservação ambiental no Baixo Sul da Bahia.

Seguimos nessa experiência, buscando construir com os representantes dos movimentos sociais a IV versão desse evento, excepcionalmente, de maneira virtual, em função da atual pandemia mundial do novo coronavírus COVID 19.

Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres. Meu grão, perdido por acaso, nasce e cresce na terra descuidada. Ponho folhas e haste e se me ajudares Senhor, mesmo planta de acaso, solitária, dou espigas e devolvo em muitos grãos, o grão perdido inicial, salvo por milagre, que a terra fecundou. Sou a planta primária da lavoura. Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo. E de mim, não se faz o pão alvo, universal. O Justo não me consagrou Pão da Vida, nem lugar me foi dado nos altares. Sou apenas o alimento forte e substancial dos que trabalham a terra, onde não vinga o trigo nobre. Sou de origem obscura e de ascendência pobre. Alimento de rústicos e animais do jugo. Fui o angu pesado e constante do escravo na exaustão do eito. Sou o milho (Cora Coralina).

Conclusões

Ainda com tímido empoderamento dos movimentos sociais dentro de uma instituição federal de ensino, mas com raízes profundas na realização de um evento que expõe as produções de sementes oriundas de nossa gente, expandindo o conceito de semente usualmente pensada, de: “é a parte do fruto que contém o embrião no estado de vida latente e que provém do desenvolvimento do óvulo (vegetal) após a fecundação, ou tudo que se lança à terra para germinar”, parafraseando para uma compreensão ampliada, introduzindo nesse, tudo que se lança à terra para germinar, tudo o que se reproduz, sementes vegetais, sementes animais, sementes históricas-culturais, sementes ancestrais. Essa feira tem proporcionado uma ampla troca de sementes, saberes, práticas alimentares e ancestrais. Contribuindo para compreender



que agrobiodiversidade vai para além da biodiversidade agrícola, pois também carrega em si uma ampla diversidade política, étnica e cultural.

Agradecimentos

Agradecemos às gestões do IFBAIANO - Campus Valença ao longo desses anos, que vêm acreditando na experiência vivida e apoiando os eventos anualmente; ao mesmo tempo e não menos importante, agradecemos a todos os atores protagonistas dessas feiras de sementes crioulas, que acreditam em si e na troca de experiências de seus patrimônios genéticos, socioculturais e sagrados.

Referências

ARAÚJO, S. L.; MORAIS, R. C.; MORAIS, R.; NUNES, F. R.; COSTA, C.; SANTOS, A. S. Guardiões e Guardiãs da Agrobiodiversidade nas regiões do Cariri, Curimataú e Seridó Paraibano. *Guardians of Agrobiodiversity in Cariri, Curimataú and Seridó of Paraíba*. In: VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 2013, Porto Alegre/RS. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Vol 8, No. 2, Nov 2013.

BAHIA. *Perfil dos Territórios da Identidade da Bahia*. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. Salvador, BA: SEI, 2016. Disponível <em: https://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2000&Itemid=284>. Acesso em: 08 em set. 2020.

BRANDÃO, J. D. *A práxis camponesa nos terreiros da nação Kongo-Angola: memorial biocultural como defesa do território ancestral da comunidade de terreiro do campo Bantu-Indígena Caxuté*. 2018. Memorial (Mestrado Profissional em Educação do Campo), Universidade Federal do Recôncavo Baiano – UFRB, [Amargosa-BA], 2018. Disponível em: <<https://ufrb.edu.br/ppgeducampo/docs/category/8-turma-iv-2016?download=60:jefferson-duarte-brandao>>. Acesso em: 08 em set. 2020.

DALMORA, E.; CURADO, F. F.; SANTOS, A. S.; TAVARES, E. D. Diagnóstico participativo dos guardiões de sementes crioulas de Sergipe: intercâmbios, multiplicação e trocas de sementes e saberes. *Participatory diagnosis of Sergipe creole seed guardians: exchanges, multiplication, and seed and knowledge exchange*. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF – Vol. 13, Nº 1, Jul. 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo 2010*. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em: 09 set.2020.



LIMA, L.G. & SANTOS, F. No Semiárido de Alagoas, a resistência germina na terra: a luta territorial em defesa das sementes crioulas. *Rev. NERA*. v. 21, n. 41, p. 192-217. Jan.-Abr./2018. ISSN: 1806-6755. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/333163599_No_Semiarido_de_Alagoas_a_resistencia_germina_na_terra_a_luta_territorial_em_defesa_das_sementes_crioulas_Flavio_dos_Santos>. Acesso em: 30 ago.2020.

MENDONÇA. M.R. *práticas agroecológicas em comunidades camponesas e quilombolas: sementes crioulas, culturas e ambientes numa encruzilhada de tempos e espaços no Nordeste de Goiás – Brasil* [S/D]. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal15/Geografiasocioeconomica/Geografiaagricola/29.pdf>>. Acesso em: 30 ago.2020.

MOTT, L. *Bahia: inquisição e sociedade* [online]. Salvador: EDUFBA, 2010. 294p. ISBN 978-85-232-0580-5. Available from SciELO Books Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/yn/pdf/mott-9788523208905-10.pdf>>. Acessado em: 13 ago.2020.

PORTO, J., SANT'ANA. Expansão do turismo, conflitos territoriais e resistência quilombola no Baixo Sul da Bahia *Revista del CESLA*, n. 23, 2019. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/jatsRepo/2433/243360564014/html/index.html>>. Acessado em: 13 ago.2020.